



INTOXICAÇÃO ESPONTÂNEA POR *Baccharis coridifolia* (Compositae) EM EQUINOS NO RIO GRANDE DO SUL

ASSIS-BRASIL, Nathalia D.¹; SILVA, Pablo E.¹; VARGAS Jr., Sergio F.¹; MARCOLONGO-PEREIRA, Clairton²; QUEVEDO Pedro S.²; SALLIS, Eliza Simone V.³; SCHILD, Ana Lucia^{3*}

¹ Graduandos em Medicina Veterinária, bolsistas do CNPq

² Pós-Graduandos em Veterinária, Faculdade de Veterinária, UFPel, Pelotas, RS

³ Laboratório Regional de Diagnóstico, Faculdade de Veterinária, UFPel, e-mail: alschild@terra.com.br

INTRODUÇÃO

Baccharis coridifolia (Compositae) é uma das plantas tóxicas mais importantes e comuns do Rio Grande do Sul, ocorrendo, também, no estado de São Paulo, e nos países do Cone Sul (Uruguai, Argentina e Paraguai), sendo conhecida como “mio-mio” no Brasil. Habita campos nativos em áreas não úmidas. No Rio Grande do Sul, *B. coridifolia* é mais difundida na região da fronteira com Uruguai e Argentina.

As condições em que ocorre intoxicação por *B. coridifolia* em animais domésticos são bastante peculiares. Os surtos ocorrem quando animais que desconhecem a planta são transportados para locais onde a planta está presente nas pastagens. Animais criados em áreas onde a planta existe não se intoxicam. Os animais começam a adoecer poucas horas após sua introdução nas áreas infestadas, especialmente se são introduzidos nas mesmas quando passam fome e sede durante o transporte.

No Laboratório Regional de Diagnóstico da Faculdade de Veterinária da UFPel (LRD) um caso foi diagnosticado no município de Dom Pedrito no ano 2007 em um equino que ficou encerrado em um curral ao redor do qual havia algumas plantas de *B. coridifolia* misturadas a outras plantas.

O objetivo deste trabalho foi relatar um surto de intoxicação por *B. coridifolia* em equinos PSI introduzidos em uma área invadida pela planta no sul do Rio Grande do Sul, abordando seus aspectos epidemiológicos e patológicos.

MATERIAL E MÉTODOS

Os dados epidemiológicos foram obtidos na propriedade onde ocorreu o surto da intoxicação. Dois dos três equinos afetados morreram e foram necropsiados no Laboratório Regional de Diagnóstico (LRD). Fragmentos de todos os órgãos das cavidades torácica e abdominal, incluindo estômago, intestino delgado (duodeno, jejuno e íleo) e intestino grosso (ceco, cólon maior

e cólon menor), baço e linfonodos e, ainda, sistema nervoso central, foram processados rotineiramente e corados por hematoxilina e eosina (HE).

RESULTADOS

O surto ocorreu em uma propriedade do município de Aceguá, Rio Grande do Sul. De quatro éguas que foram transferidas de Curitiba, Paraná, três apresentaram sinais clínicos uma semana após a chegada a propriedade. Os animais eram da raça PSI, tinham aproximadamente 4 anos de idade e foram colocadas em um lote de 46 éguas em uma área de campo nativo melhorado com azevém no qual havia aproximadamente 5% de mio-mio em fase de brotação. Como estavam em fase de adaptação, as éguas transferidas recebiam um terço da ração que costumavam receber e permaneciam no campo sendo recolhidas à noite para a cocheira.

Os sinais clínicos iniciaram três dias após os animais serem introduzidos na área de campo onde havia *B. coridifolia*, apresentando inicialmente desconforto abdominal caracterizado por aumento da frequência cardíaca, anorexia e hipermotilidade do intestino delgado e cólon e presença de gás no ceco.

Na necropsia, havia desidratação e na abertura da cavidade abdominal as alças intestinais estavam distendidas pela presença de gás e havia edema e congestão e focos de hemorragias nas serosas e mesentério. Na abertura do estômago a superfície mucosa estava congesta, rugosa, com erosões e úlceras e havia edema acentuado da parede do estômago. O conteúdo dos intestinos era líquido e a mucosa, principalmente do jejuno, íleo, ceco e cólon estavam congestionadas e recobertas por fibrina e muco. As placas de Peyer na porção final do intestino delgado estavam reativas e os pulmões estavam congestionados.

Histologicamente no estômago glandular havia necrose do epitélio com infiltrado acentuado de linfócitos, neutrófilos necróticos e na submucosa havia edema, e dilatação dos vasos linfáticos. Na porção aglandular, havia vacuolização das células do epitélio de revestimento, com formação de vesículas e pústulas e em áreas focais havia separação do epitélio da lâmina própria, a qual apresentava congestão, hemorragia e infiltrado de neutrófilos, linfócitos e plasmócitos. No intestino delgado, a mucosa em toda a sua extensão, estava necrótica, com perda das vilosidades e com infiltrado de neutrófilos e linfócitos. Na submucosa havia edema e dilatação de linfáticos. O ceco apresentava necrose do epitélio com infiltrado acentuado de neutrófilos e linfócitos na lâmina própria, edema da submucosa, dilatação de vasos linfáticos e hemorragia. Havia necrose das placas de Peyer e dos folículos dos linfonodos mesentéricos.

DISCUSSÃO

O diagnóstico de intoxicação por *Baccharis coridifolia* foi realizado pelos sinais clínicos e lesões macroscópicas e histológicas associados à epidemiologia. Tem sido demonstrado que a intoxicação por mio-mio ocorre após animais transportados, que desconhecem a planta, serem colocados em áreas invadidas pela mesma e que os animais que desconhecem o mio-mio não devem ser colocados em áreas invadidas principalmente se estão com

fome. Neste caso, os animais desconheciam a planta e ainda tiveram a alimentação complementar reduzida para um terço do que costumavam receber por estarem em adaptação. Em eqüinos há somente a descrição da doença reproduzida experimentalmente. É provável que a intoxicação nesta espécie seja menos freqüente porque, em geral, os eqüinos das propriedades rurais da região onde a planta ocorre, conhecem a planta e não a ingerem. Geralmente, poucos animais são adquiridos e transportados de áreas livres para áreas invadidas pela planta e ainda, práticas de prevenção à intoxicação, como a esfregação da mesma no focinho e boca dos animais e a queima, forçando os animais a aspirarem a fumaça, são utilizadas pelos produtores e veterinários, as quais, aparentemente, têm alguma eficiência no controle da intoxicação. Neste surto não foi realizada nenhuma dessas práticas para evitar que os animais ingerissem a planta.

No presente relato os animais apresentaram sinais clínicos de cólica, que é uma das afecções mais comuns nos eqüinos, em consequência das lesões observadas ao longo do trato gastrointestinal.

Aparentemente, os cuidados tomados na transferência de bovinos que desconhecem a planta para áreas invadidas podem ser utilizados, também, com a espécie equina, evitando-se desta forma prejuízos econômicos consideráveis, especialmente quando esses animais têm alto valor comercial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Almeida M.B., Schild A.L., Assis-Brasil N.D., Quevedo P.S., Fiss L., Pfister J.A. & Riet-Correa F. 2009. Conditioned aversion in sheep induced by *Baccharis coridifolia* to a previously unknown food. Appl. Anim. Behav. Sci. (Accepted for publication)

Barros C.S.L. 1998. Livestock poisoning by *Baccharis coridifolia*, p.569-572. In: Garland T. & Barr A.C. (Eds), Toxic Plants and other Natural Toxicants. CAB International Wallingford, UK. 576p.

Schild A.L., Ferreira J.L.M., Ladeira S.R.L., Soares M.P., Grecco F.B., Fiss L. & Marcolongo-Pereira C. 2008. Doenças diagnosticadas no ano 2007. Boletim do Laboratório Regional de Diagnóstico. Editora e Gráfica Universitária, UFPel, Pelotas, 76p.